



APRESENTAÇÃO

Prof^a Dr^a Ermelinda Maria Araújo Ferreira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Soprou um vento brusco, uma janela se abriu, o sol flamejou nos vidros. Uma voz forte de mulher principiou a cantar, extinguiu-se, a música de um acordeão despontou indecisa, cresceu. E quando o sino da Matriz começou a vibrar, com uma paz inabalável e sóbria, ela verificou, exultante, que o retrato não ficaria vazio: a insubstancial riqueza daqueles minutos o animaria para sempre. “Que este momento me possua, me ilumine e desapareça – pensava. Eu o vivi. Eu o estou vivendo.” Sentia que a luz do sol a trespassava, como a um vitral.

Osman Lins. “Vital”, in: *Os gestos*

Dizia o autor de *Guerra sem testemunhas* que não gostava de dar aos seus livros um ar de lamentação. Não queria que eles tivessem por lema o “Recordar é viver”, e sim um outro: “Escrever é esquecer”. Dizia que a escrita o libertava da carga de lembranças, de laços, desfazendo-o de tudo, para todo o sempre, no passado: “Coisa vivida, coisa abandonada”. Ao mesmo tempo em que pregava a necessidade – ou a inevitabilidade – deste esquecimento pela literatura, Osman Lins afirmava: “Não falta, mesmo assim, sentido àquele risco, por menos perduráveis que sejam as nossas páginas. Conhecem os escritores, nesse lance onde jogam toda a sua vida, uma alegria sem interrupção, que em momento algum e mesmo despojados, aflitos, coléricos – os abandona, desde que possam escrever.” Sem aspirar, portanto, ao panteão da eternidade, Osman Lins escrevia como quem obedece a um rito. Daí, talvez, a sua insistência na importância da conservação dos ritos como atos de recordação necessários à preservação da sensibilidade humana. Para o autor, os ritos mantêm um nexos com as coisas a que se referem, aderem a elas, recordam-nas. Por mais distanciados que estejam dos gestos e das palavras cerimoniais, representam, expressam, recordam algo que deve ser conservado.”

O livro que aqui se apresenta sabe, também, a um rito. Concebido, inicialmente, com o intuito de celebrar o aniversário do escritor pernambucano Osman Lins, que completaria 80 anos em 5 de julho de 2004, reuniu ensaios inéditos produzidos por estudiosos, pesquisadores e admiradores

de sua obra, provenientes de sua terra natal ou nela atuantes. Publicado pela Editora Universitária da UFPE, com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, apresentou à comunidade textos resultantes, em sua maioria, de trabalhos acadêmicos, desde monografias de conclusão de disciplinas, feitas por alunos de graduação, até ensaios escritos para cursos de Pós-Graduação - especialização, mestrado e doutorado - que o Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco produziu, acolheu ou incentivou com a colaboração, na época, do SOL – Sodalício Osman Lins -, grupo de estudos liderado pelo professor doutor Lourival Holanda, que reunia pesquisadores empenhados no resgate da memória e na promoção do conhecimento e da divulgação da obra do autor.

Vinte anos depois, por ocasião do centenário de Osman Lins em 2024, temos a oportunidade de publicar esta obra revista e atualizada em meio virtual, como uma edição especial da *Intersemiose – Revista Digital*, sob a coordenação do NELI – Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose, liderado pela professora doutora Ermelinda Maria Araújo Ferreira. O livro, prefaciado por Letícia Lins, contempla aspectos variados da obra osmaniana. De sua ficção, oferece análises que vão desde o seu primeiro romance, *O visitante*, empreendida por Ana Cláudia Medeiros, até *A cabeça levada em triunfo*, último romance deixado inacabado e inédito, ao qual dedico alguns comentários, comparando-o com o romance divisor de águas de sua produção, *O fiel e a pedra*.

As narrativas de *Nove, novena* são objeto de várias abordagens. O “Retábulo de santa Joana Carolina” é o tema da tese de doutorado de Priscila Varjal, defendida em 2017; mas também comparece nos artigos de Rosana Teles, autora de dissertação de mestrado sobre esta coletânea defendida em 2003; e de Carmem Sevilla. “Os confundidos” e “O ponto no círculo” são outras narrativas deste livro estudadas, respectivamente, por Adilson Jardim e Jeane Guimarães. O romance *Avalovara*, obra-síntese da carreira do autor pernambucano, é alvo da atenção de Lauro de Oliveira, amigo de longa data de Osman Lins; de Fabio Andrade, autor de dissertação de mestrado sobre o barroquismo na composição da obra, defendida em 2003; de Inara Gomes, autora de tese de doutorado sobre a estrutura genética do livro, defendida em 2005; de Arnaldo Guimarães, autor de dissertação de mestrado sobre a estrutura musical desse texto, defendida em 2008, e do artigo de Fernando Oliveira sobre o imaginário medieval pictórico no ordenamento da crítica política engendrada na obra.

A rainha dos cárceres da Grécia, seu último romance publicado, é estudado por Ricardo Soares, autor de tese de doutorado sobre o livro, de-

fendida em 2003 e por Cristina Almeida, autora de tese de doutorado também sobre o autor, defendida em 2009. Já a presença de Osman Lins na televisão e no cinema é abordada no artigo de Adriano Portela, autor de tese de doutorado sobre o tema, defendida em 2023. Lourival Holanda teoriza sobre três momentos que são marcos da renovação literária em Pernambuco, analisando o papel da obra osmaniana neste contexto. Os ensaios escritos por Osman Lins para revistas e jornais são discutidos por Ricardo Japiassu. Já o teatro de sua autoria é abordado por Ivana Moura, autora de dissertação de mestrado sobre o tema defendida em 2006; e por Robson Teles. O livro se completa com três depoimentos de Litânia, Letícia e Ângela Lins, filhas do escritor.

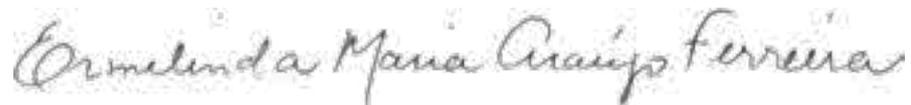
Além de romancista, Osman Lins foi um agitador cultural. Publicou ativamente, na imprensa, textos “altamente explosivos”. Comenta um de seus editores que, “numa época de cautelas e de medos, onde tudo era dito de maneira dúbia, respira o leitor, com alegria, em seus textos, o ar sempre reconfortante da franqueza e da coragem de dizer.” Em 1977, selecionou os trabalhos que vinha publicando desde 1965 em jornais e revistas do país, principalmente em *O Estado de São Paulo*, o *Jornal do Brasil* e o *Jornal da Tarde*, num volume intitulado *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*, publicado em São Paulo pela Summus Editorial. Em 1979, um ano após a sua morte, e por iniciativa de sua viúva Julieta de Godoy Ladeira, novos artigos vêm à luz, juntamente com uma seleção das entrevistas que teria concedido de 1954 a 1978, no volume intitulado *Evangelho na taba: novos problemas inculturais brasileiros*, também publicado em São Paulo pela Summus. Estas coletâneas foram reeditadas em 2018, em volume único, pela Editora Universitária da UFPE, com o título *Problemas inculturais brasileiros*, que reúne os dois volumes já mencionados (*Do ideal e da glória* e *Evangelho na taba*), sob a organização do professor doutor Fábio Andrade. Em 2019, saiu pela CEPE o livro *Osman e Hermilo: correspondências*, organizado pelo professor doutor Anco Márcio Tenório Vieira, que trata da amizade epistolar de Osman Lins e Hermilo Borba Filho, seu amigo e professor no curso de Arte Dramática da então Universidade do Recife.

A presente reedição do livro *Vitral ao Sol* – vinte anos depois mantém a maioria dos artigos originais e alguns acréscimos mais recentes. Embora nem todas as teses e dissertações sobre Osman Lins, defendidas neste período na Universidade Federal de Pernambuco tenham sido contempladas neste volume, buscamos reunir um singelo recorte, porém significativo, deste material, como forma de prestar uma homenagem ao centenário do escritor que nos torna, enquanto leitores, mais do que testemunhas: cúmplices de

sua invulgar busca pela beleza, integridade e compromisso ético e estético, através da literatura e da arte, no mundo moderno.

Para concluir, lembramos Guimarães Rosa, que dizia que “as pessoas não morrem: tornam a ficar encantadas”. Esta observação vale duplamente para o caso dos escritores, sobretudo aqueles criativos para além de todos os limites. A beleza que eles produziram em palavras, e que hoje se oculta nos livros que eles nos legaram: “os termos da sua peregrinação, o ouro do seu ser, o que resta do que os anos queimam”, segundo Osman Lins, parece aguardar-nos numa longa e paciente vigília. Pois os livros, sem leitores, nada mais são que *domicilia deserta*, que os Báciras, Súpetos e Iólipos assombram em silêncio.

Recife, 5 de julho de 2024.

A handwritten signature in dark ink, reading "Ermelinda Maria Araújo Ferreira". The script is cursive and elegant, with the first letter of each name being capitalized and prominent.

Ermelinda Maria Araújo Ferreira

